FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

198

INSCRIÇÕES 727-729

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2020

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:

1 2 9 0 FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Composto em *ADOBE in Design CS4,* Versão 6.0.6 | José Luís Madeira | IA | DHEEAA | FLUC | UC | 2020

727

ARA VOTIVA DA IGREJA MATRIZ DA MOITA (SABUGAL)

Ara votiva de granito de grão médio amarelado (Fig. 1), identificada em Novembro de 2016, no interior da igreja matriz da Moita, de invocação a São Pedro, freguesia do concelho do Sabugal.

A existência do monumento no interior da igreja foi-nos gentilmente indicada por César Cruz, a quem agradecemos[1]. Existem ainda duas tampas de sepultura epigrafadas no interior do templo, datáveis dos séculos XVII e XIX.

A epígrafe encontra-se reutilizada como base da pia baptismal, do lado esquerdo da entrada principal. Segundo a população mais idosa da aldeia, não há memória da data em que a pedra foi aqui colocada. A igreja remonta, pelo menos, ao século XIV, segundo o rol das igrejas do Bispado da Guarda taxadas em 1321[2], tendo sofrido, naturalmente, restauros em épocas mais recentes.

Corresponde a um monumento de tamanho médio, já com vários danos sofridos, anteriores e contemporâneos ao reaproveitamento na pia, especialmente na base, no capitel e na

---

[1] Agradecemos igualmente a colaboração de Paulo Pernadas e Bruno Santos, do Município do Sabugal, no auxílio ao registo fotogramétrico da peça.

[2] Castro, José Osório Gama e (1902) – *Diocese e Distrito da Guarda*. Porto: Tipografia Universal, p. 506.

aresta esquerda da face principal. O campo epigráfico encontra-se bastante desgastado e manchado de reboco e argamassa.

Não é possível caracterizar o capitel, pois está totalmente coberto pela pia, mas verifica-se que terá tido uma funcionalidade anterior, devido ao rebaixamento interno e à abertura de um sulco. O capitel tem 15,5 cm de altura e a base apenas 7 cm visíveis (encontrando-se presentemente semienterrada no piso da igreja). A transição do fuste para o capitel é moldurada por faixa, enquanto a separação na base está bastante danificada, registando-se inclusive uma pequena fractura na sua aresta esquerda inferior. A ara apresenta todas as faces alisadas, sendo as laterais de menores dimensões (Fig. 2).

Desta freguesia provém um altar votivo dedicado a Júpiter, guardado no Museu Francisco Tavares Proença Júnior de Castelo Branco[3]. Estes dois achados epigráficos não aparecem aqui descontextualizados, pois são conhecidos alguns sítios com importantes vestígios romanos, entre os quais se destacam, pela sua importância, o Paraíso e Tapada do Pombal, onde foram recolhidos dois pesos de chumbo e uma estatueta de bronze feminina[4].

Dimensões: (47) (altura conservada) x 36,5 x 27 (no capitel), 29-30 x 24 (no fuste) e 36 x (27) (na base).

Campo epigráfico: 11 x 16.

AVITVS / MADVRI / CVSI · ER[V?]/LANCVI · V(*otum)* · S(*olvit*) ·

Avito de Maduro cumpriu o voto a Cuso Erulanco (?).

Altura das letras: l. 1:4; l. 2: D=5 (I=4,5); l. 3: E=5 C=4.

---

[3] Garcia, José Manuel (1984) – *Epigrafia Lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: IPPC e Museu FTPJ, p. 57 e 58. Curado, Fernando Patrício (1987) – Património Cultural. *Boletim Municipal do Sabugal*. Sabugal. 4 (ano I), p. 4.

[4] Osório, Marcos (2006) – *O povoamento romano do Alto Côa* (Territoria; 1). Guarda: Câmara Municipal, p. 66. Osório, Marcos (2008) – *Museu do Sabugal. Catálogo arqueológico*. Sabugal+ e Câmara Municipal do Sabugal, p. 85 e 88.

Espaços: 1: 0,2; 2: 0,2; 3: 1; 4: 4.

O campo epigráfico ocupa toda a superfície do fuste e não é moldurado, estando o texto distribuído por quatro linhas ainda visíveis. O *ordinator* terá disposto o texto obedecendo a um eixo de simetria no espaço disponível.

Na primeira linha destaca-se o nome do dedicante e na l. 2 o patronímico; na l. 3 e l. 4 é identificada a divindade com a respectiva fórmula de consagração.

Os caracteres, em letra capital actuária, de traçado regular, lêem-se com dificuldade, revelando pouca homogeneidade na altura e as letras são pouco regulares.

Identificam-se pontos de separação apenas na fórmula final, dado o desgaste da pedra.

O dedicante identifica-se à maneira indígena: nome e patronímico, sem menção expressa de *filius*. *Avitus* encontra-se bem documentado na Hispânia e, de modo especial, na Lusitânia[5]. *Madurus* e a sua variante *Madureius* são *cognomina* aparentemente de etimologia latina, obtidos por abrandamento do t: de *Maturus* em *Madurus;* afigura-se, porém, tratar-se de um antropónimo até agora apenas registado nesta área de Lusitânia: já identificado neste concelho do Sabugal, no Baraçal[6], bem como em Idanha-a-Velha[7]; há dois outros exemplares em Cória[8].

---

[5] Cerca de 200 testemunhos na Lusitânia: Navarro Caballero (Milagros) e Ramírez Sádaba (José Luis), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana,* Mérida-Bordéus 2003, p. 107-110, mapa 51. No rol gizado por Abascal, ocupa, na Hispânia, o terceiro lugar na frequência de exemplos, após *Severus* e *Rufus:* Abascal Palazón (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 31.

[6] «Madu[r?]ei»: Curado (Fernando Patrício), «Epigrafia das Beiras», *Conimbriga* 18, 1979, p. 141-142 (que corrige a leitura anterior *Madu[r]ci(?)* – HEpOL nº 20 364).

[7] «Maduri»: Ferreira (Ana Paula), *Epigrafia funerária romana da Beira Interior: Inovação ou continuidade?* (Trabalhos de Arqueologia 34), Lisboa, 2004, p. 164-165, nº 173, lám. XX, 36 (HEp 13, 2003/2004, 886).

[8] «Madureus»: HEp 4, 1994, 230; ILC 46, nº 32, com foto + ILC 47, nº 33, com foto (HEp 8, 1998, 47); «Madur(eus)»: HEp 8, 1998, 60. Este último não é considerado por Julio Esteban, que lê *Madu[i]:* Esteban Ortega (Julio), *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres. IV. Caurium,* Univer-

Não parece inviável considerar a forma *Cusi* (Fig. 3) uma variante do teónimo indígena *Cosus* bastante documentado, sob diversas grafias (em dativo): *Cusu, Cossue, Cosu…*[9] Uma variante de certo inesperada, porque, partindo do verosímil pressuposto de que estamos perante um dativo, trata-se de um dativo em **-i**, da 3ª declinação latina, o que leva a supor um nominativo não de tema em **-us**, como se há verificado até agora, mas em **-is**: *Cusis,* a lembrar as propostas *Lurunis* e *Triborunnis.* Diferente será o caso de *Cossue,* em que se alvitra nominativo em **-a**, estando *Cossue* por *Cossua.* Ou seja, um teónimo variegado! E não será despropósito repetir que, mais do que razões etimológicas, se há-de ver nessas formas diversas o eco de diversas entoações fonéticas dadas pelos indígenas e que o lapicida tentou passar à pedra[10].

Temos, porém, um epíteto novo, com terminação de dativo *-gui/cui,* que tem sido considerada tipicamente lusitana, atestado na designação de outras divindades: *Banda Isibraiegui* (Bemposta, Penamacor), *Banda Brialeacui* (Orjais, Covilhã), *Banda Tatibeaicui* (Queiriz, Fornos de Algodres); *Banda Vordiaicui* (Pinhel); *Crougae Nilaigui* (Freixiosa, Mangualde); *Reva Langanidaegui* (Medelim, Idanha-a-Nova)[11]… Não ousamos, de momento, aventar sugestão de relacionamento quer com etnónimos quer com topónimos,

---

sidad de Extremadura, Cáceres, 2016, nº 1245.

[9] Abunda a bibliografia sobre esta divindade, númen protector que assumiu epítetos conforme o lugar ou o povo de que foi patrono. Referimos apenas alguns dos artigos que expressamente lhe foram dedicados: Prósper (Blanca), «La divinidad paleo-hispana *Cossue/Coso* y el dios itálico *Consus»*, AIΩN 19, 1997, p. 267-302 [análise etimológica]; Barcia Merayo (E.) e García Martínez (Sonia María), «Un nuevo testimonio de posible culto a *Cossus* en El Bierzo», *Estudios Humanísticos* 20, 1998, p. 11-25 (com lista de testemunhos e mapa); BÚA (J. Carlos), «*Cosus.* Un exemplo de epigrafía e relixión», *Boletín Auriense* 33, 2003, p. 147-184; Olivares Pedreño (Juan Carlos), «Hipótesis sobe el culto al dios Cossue en El Bierzo (León): exploitaciones mineras y migraciones», *Palaeohispanic*a 7, 2007, p. 143-160.

[10] Cf. Encarnação (José d'), «Das religiões e das divindades indígenas na Lusitânia», in Ribeiro (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa,* Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 15-16. http://hdl.handle.net/10316/27809

[11] Para não nos estendermos em referências bibliográficas, sugerimos pesquisa em HEpOL [http://eda-bea.es/] sob as designações indicadas.

inclusive porque a leitura resulta hipotética.

Três novidades, por conseguinte, a assinalar: a primeira presença clara do antropónimo *Madurus,* a apresentar-se como exclusivo da Lusitânia; uma nova forma de dativo do teónimo indígena *Cosus;* e um epíteto sem paralelo até ao momento.

Tendo em conta a paleografia, a tipologia do monumento, a onomástica e o modo de identificação da divindade, sugerimos uma datação da primeira metade do século I d. C.

José d'Encarnação
Marcos Osório

1

2

3

Tratamento fotogramétrico com *software Cloud Compare 2.9*.

728

FELLATRIX

En un episodio de la primera temporada de la serie de televisión *Stranger Things*, Tommy, el amigo de un despechado Steve, que ha sido rechazado por su novia, escribe en la cartelera del cine local: *Nancy Wheeler, the slut*. Y es que las mujeres sufren con frecuencia el abuso escrito u oral de quienes las pretenden o las pierden.

Lo que se presenta a continuación es un testimonio similar de hace un par de milenios, en la forma de un fragmento de la base de un bol de cerámica *sigillata*, de la forma 37, fabricada en los talleres de Bronchales, Teruel, entre el 80 y el 110 d. C.[1]

Se encontró en la provincia de Guadalajara, al pie del camino de Castejón de Henares a Jadraque, a ¾ de milla tanto de la carretera CM-1003 (que perpetúa la antigua vía romana entre Mérida-Zaragoza[2]), como de la pequeña localidad de Castejón de Henares. Allí, en una ladera orientada al noreste, que domina la fértil vega del arroyo de Castejón, junto a un pequeño olivar, la presencia de cerámica antigua, fundamentalmente *sigillatas* altoimperiales, pero también algunos fragmentos de TSHT, delatan la presencia de lo que parece ser una *villa* romana. El fragmento atrajo el interés de dos vecinos de Castejón, Antonio y Mercedes, que lo recogieron por tener algo escrito.

Efectivamente, en la parte interior del vaso, adaptándose a la forma curva del pie, se grabó *post coctionem* y antes de romperse,

- - - - - -E FELATRI+ - - - - - -

---

[1] Mur Sabio (2014), p. 15 y fig. 2, p. 7.

[2] Caballero Casado (2016): 303.

Esto es, un texto mutilado por ambos extremos y en el que llaman la atención la grafía cursiva de la E y el rasgo curvo señalado por la *crux*, que podría ser la simplificación de la líquida de *fellatrix*, ambos rasgos característicos del latín vulgar. La primera letra conservada puede corresponder al final de varias palabras, pero la siguiente alude, sin duda, a una conocida práctica erótica. Mientras que *fellator* está suficientemente atestiguado en la tradición literaria, son escasísimos los testimonios de la forma femenina y todos ellos (tan solo seis) proceden de los *graffiti* pompeyanos[3], aparecidos en espacios que convencionalmente se consideran relacionados con el comercio carnal. Es curioso que, de los 241 letreros conocidos con contenido sexual en Pompeya, más de la mitad mencionen el sexo oral[4].

La imperfecta conservación del fragmento alcarreño hace dudar de la gramática del letrero. Si la primera palabra correspondiera a un nombre personal, la E podría corresponder al vocativo de un corriente antropónimo femenino de origen griego, pero también podría ser el carácter final de un verbo en imperativo[5]. En cuanto a la última letra de la segunda palabra

---

[3] *CIL IV* 1388, 1389, 1510, 2292, 4192 y 9228; Guzzo y Scarano Ussani (2009), pp. 141, 143, 148 y 152; cf. Hunink (2011), cat nº 228, 398, 400, 413 y 667. El origen epigráfico justifica plausiblemente que el término falte en muchos glosarios latinos y haya que acudir al ThLL VI, col. 455 o al OLD, p. 684 para encontrar su definición.

[4] Solo en el edificio VII.12, 18-20 de Pompeya, habitualmente conocido como *Il lupanare*, se han catalogado casi 150 *graffiti* eróticos o pornográficos: vid. Levin-Richardson (2019) y cfr. Williams (2010), p. 499.

[5] Esta es otra posibilidad de lectura, apuntada por Pablo Ozcáriz, que consiste en que la primera E corresponda al final de la palabra PONE, tan corriente en la epigrafía vascular, como mensaje apotropaico o preventivo, dirigido a alejar: PONE FUR (déjalo, ladrón), para los tentados de robar el vaso (Abascal Palazón, 2018). Nos indica Ozcáriz tres ejemplos, en los que el propietario del vaso parece dirigirse al posible ladrón/lector tachándolo de *cinaedus*, es decir de catamito: "El paciente en el pecado de sodomía. Es voz puramente latina y de raro uso. Lat. *Catamitus*, *id est Puer meritorius*" (*Diccionario de la RAE*, tomo 2, 1729; Williams (2010): 197). El primero de ellos es un grafito de Santa Criz de Eslava, que reza *VAS[---] / cin(edus) / Acut[ius*] (Andreu, Ozcáriz y Mateo, 2019: 96). Cita además otro *cin(ede)* de Santacara que está inédito. Por último, señala otro grafito de Los Bañales (Andreu Pintado y Delage González 2017),

habría que entender el rasgo incompleto por la rotura como el bucle superior de una S, es decir, la simplificación de la requerida X, como parece indicar también un pequeño rasguño en el borde derecho que correspondería al cierre inferior de la letra y la adecuación de la posición del fragmento de la letra a la curvatura del vaso.

En cuanto a la palabra *fellatrix* (chupapollas[6]), el sexo oral era considerado por los romanos como una actividad normal y satisfactoria para los sujetos pasivos, pero denigrante y depravada para sus agentes[7]. Estamos, por lo tanto, ante un mensaje injurioso, similar a la ingeniosa y obscena parodia de un gentilicio – *Cunnolingius* – grabada sobre el barro fresco de una baldosa de la villa de la Cocosa, en Badajoz[8]; a la inscripción *ante coctionem* sobre una teja de *Conimbriga*, donde alguien escribió *Duatius tacim, filiu[m] · felat* (Callaría Duatio, pero se la chupas a tu hijo)[9]; o al grafito vascular de la *villa* de Torre de Palma, en el que se lee *Urbici uxsor est cremina[lis]* (la mujer de Úrbico es una adúltera)[10].

A todo este tipo de grafitos se ha referido recientemente Encarnação, calificándolos de epigrafía clandestina o subversiva y notando que si han llegado hasta nosotros se debe a que, en su momento, pasaron desapercibidos; de otro modo, hubieran sido

---

con el letrero *qui legerit cen[aedus]* (maricón el que lo lea). A ellos habría que añadir otro que el profesor de la Universidad de Navarra cita en su artículo: *cine(d)us qui le(g)eri(t)* (maricón el que lo lea), hallado en La Serna (Palencia) (Robles y Cortes 1983). En el caso de que esta fuera la interpretación correcta del mensaje esgrafiado en el cuenco alcarreño – (PON)E FELATRIS (déjalo, felatriz) – el autor o autora del mensaje sería el propietario o propietaria del recipiente, sospechoso de que una de las mujeres de su entorno tenía intención de robarle su propiedad. El único ejemplo similar de insulto de contenido sexual al posible ladrón que encontramos en la bibliografía es el PONE AUT PEDICO (déjalo o te sodomizo), esgrafiado sobre la boca de una vasija, de Echternach / Treveris, Luxemburgo (J. Metzler *et al*., 1981: 243, cat nº 23).

6 Ni felatriz ni feladora están admitidas en el diccionario de la RAE.

7 Kamen/Levin-Richardson (2015), pp. 239-42.

8 Salas *et alii* (1997), cat nº 11, cfr. HEpOl 23348, con foto.

9 Encarnação (2017), pp. 174-176 enmendando razonablemente la *editio princeps* (Étienne *et al*. (1976), cat nº 357a. 357b, cfr. HEpOl 22499, con foto, que añaden un *te* al final del letrero.

10 Encarnação y Nolen (1997), cfr. HEpOl 20843, con foto.

despreciados y destruidos inmediatamente por su carácter ofensivo e insultante[11]. Aunque es imposible determinar el preciso contexto en que se esgrafió el vaso alcarreño, si fue un insulto dirigido por un hombre celoso a la propietaria del vaso o una invectiva a una posible ladrona, el azar ha querido que un término que hasta ahora solo estaba atestiguado en el ambiente preciso de un lugar tan especial como la ciudad sepultada por el Vesubio se documente también y por primera vez en una pequeña y remota *villa* del centro de Hispania. Este es precisamente el valor singular de estos modestos y vulgares textos, como describe con certeza la siguiente cita[12]:

Unlike monumental inscriptions or political programmata, graffiti are imbued with immediacy and do not require an intermediary writer to convey a person's sentiments. For these reasons, graffiti offer an illuminating glimpse into the lives of those typically excluded from the historical record.[13]

BIBLIOGRAFÍA

Abascal Palazón, J. M. (2018). "Pone, fur. Aproximación a un catálogo de los testimonios hispánicos", *Anuari de Filologia Antiqva et Mediaevalia*, 8, pp. 721.

Andreu Pintado, J. y Delage González, I. (2017). "Un singular grafito sobre sigillata hispánica hallado en los Bañales de Uncastillo (Zaragoza)", *Ficheiro Epigráfico*, 152, inscripción 609.

Andreu, J., Ozcáriz, P. y Mateo Tx. (2019). *Epigrafía romana de Santa Criz de Eslava (Eslava, Navarra)*, Faenza: Fratelli Lega Editori. Collana Epigrafia e Antichità nº 43.

Caballero Casado, C., (2016). "Vías romanas en la provincia de Guadalajara: un estado de la cuestión", en Gregorio Carrasco Serrano (coord.,) *Vías de comunicación en Castilla-La Mancha*, Cuenca, Ediciones de la Universidad de Castilla - La Mancha, Cuenca, pp. 297- 318.

Encarnação, J. d', y Nolen, J. U. Smit (1997). "Um grafito sobre a

---

[11] Encarnação (2009), p. 18; la misma argumentación en Encarnação (2019).

[12] Hardy (2017), s.p.

[13] Agradecemos a Pilar Oñate Baztán y Juan Sanguino Vázquez, de Gabark 2013 S.L. su ayuda en la identificación y el dibujo de la pieza. Así mismo a Pablo Ozcáriz sus sugerencias. Este trabajo se ha realizado en el seno del Grupo de Investigación ORDOAlcalá, de la U. de Alcalá.

mulher de Úrbico", *Ficheiro Epigráfico*, 55, inscripción nº 252.

Encarnação, J. d' (2009). "A epigrafia do momento: grafitos… a comunicação sedutora", en *Opinione Pubblica e Forme di Comunicazione a Roma: il Linguaggio dell'Epigrafia* (Atti del Colloquio AIEGL – Borghesi 2007), M. Bertinelli, A. Donati, coord. Faenza: Fratelli Lega Editori, pp. 15-28. http:// hdl.handle.net/10316/11470.

Encarnação, J. d' (2019). "A inscrição oculta na Lusitânia ocidental". In Sartori, A. [coord.], *L'Iscrizione Nascosta*. Faenza: Fratelli Lega Editori, pp. 169-190.

Étienne, R. *et al*., 1976: *Fouilles de Conimbriga II: Épigraphie et Sculpture,* París.

Hardy, Brittany S. (2017). "The Writing on the Walls: Reading the Sexual Passivity of the Women of Herculaneum", *Sunoikisis Undergraduate Research Journal*, 2017: https://www.academia.edu/34384663/The_Writing_on_the_Walls_Reading_the_Sexual_Passivity_of_the_Women_of_Herculaneum.

Hunink, V. (2011). *Glücklich ist dieser Ort. 1000 Graffiti aus Pompeji*. Lateinisch/Deutsch, Stuttgart.

Kamen, D. y Levin-Richardson, S. (2015). "Lusty Ladies in the Roman Imaginary," in R. Blondell y K. Ormand, eds., *Ancient Sex: New Essays,* Columbus, OH, pp. 231-252.

Krenkel, W. A. (2006). "Fellatio and Irrumatio," in W. Bernard and C. Reitz, eds., *Naturalia non turpia*, Hildesheim, pp. 205-231.

Levin-Richardson, S., (2019): *The Brothel of Pompeii : Sex, Class, and Gender at the Margins of Roman Society*, Cambridge y New York, Cambridge University Press.

Metzler, J. *et al.* [Edd] (1981). *Ausgrabungen in Echternach*, Luxemburg.

Mur Sabio, M. (2014). *El taller de terra sigillata hispánica de Bronchales. Un estado de la cuestión. La aportación de las sigillatas de Rodenas (Teruel)*. TFM de la UNED: https://www.academia.edu/6040977/MUR_SABIO_Miguel_2014_El_taller_de_Terra_Sigillata_Hisp%C3%A1nica_de_Bronchales_Teruel_._Un_estado_de_la_cuesti%C3%B3n._La_aportaci%C3%B3n_de_las_sigillatas_de_Rodenas_Teruel

Panciera, M. D. (2001). *Sexual Practice and Invective in Martial and Pompeian Inscriptions*. Diss. PhD, Univ. of North Carolina, Chapel Hill.

Robles, J. y Cortes, J. (1983). "Grafito sobre sigillata encontrado en la villa romana de La Serna (Palencia)", *Publicaciones de la Institución Tello Téllez Meneses*, 49, pp. 5-17. Cfr. *HEp1*, 493.

Salas Martín, J. *et al*. (1997). *Inscripciones romanas y cristianas del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz,* Badajoz (Publicaciones del Museo, 4).

Varone, A. (2001). *Erotica Pompeiana: Love Inscriptions on the Walls of Pompeii*. Roma, L'Erma Di Bretschneider.

Williams, C. (2010). *Roman Homosexuality*. *Ideologies of masculinity in classical antiquity*. 2nd ed. Oxford y New York, Oxford University Press.

Jesús Rodríguez Morales
Joaquín L. Gómez-Pantoja

729

FRAGMENTO DE INSCRIÇÃO PALEOCRISTÃ DE NOSSA SENHORA DO FREIXO (REDONDO)

O sítio de Nossa Senhora do Freixo (Redondo), localizado na envolvente da igreja que lhe dá nome, deverá corresponder a uma basílica paleocristã situada na periferia nascente da *villa* romana homónima, que se estende entre a igreja e a ribeira do Freixo.

Além de trabalhos de salvaguarda, que permitiram registar a presença de um enterramento antigo, desenvolveram-se campanhas de sondagens, de modo a determinar a natureza e grau de conservação dos vestígios existentes no local. Foi assim possível verificar a enorme afectação de Época Moderna realizada na área da basílica, com arrasamento quase total das estruturas, tendo-se recolhido o fragmento da presente epígrafe, de mármore de Estremoz, no âmbito de um derrube da Antiguidade Tardia, contendo outros elementos decorativos de mármore.

Dimensões: (9) x (1,8) x 3,5.
Altura das letras: A: 3,5; T: 2,5.

Aparenta ser o final de uma inscrição no frontispício de um arco. A cruz grega após o texto assim o dá a entender, bem como os dois sulcos paralelos horizontais no fim da l. 2.

As letras foram gravadas com profundidade, em bisel, sugerindo serifas nos vértices, o que denota o cuidado da gravação, sem obediência, porém, a qualquer rigor geométrico. Veja-se, a esse propósito, o **X** de que uma haste está bem lançada da esquerda para a direita, sendo a outra mais curta. O **V** tem vértice arredondado e é de módulo menor que as demais letras. O **A** impõe-se no conjunto pelo seu tamanho, tendo brevíssima barra oblíqua do lado direito, não

atingindo esta, por conseguinte, a forma de minúsculo V frequente em inscrições pós-romanas e posteriores. Depois do **A** observa-se algo de parecido ao algarismo 9 de revés e assim nos parece porque a perna, ténue, chega a tocar a travessa horizontal da cruz.

O conjunto XIT induz-nos a pensar na palavra VIXIT, «viveu». A ser assim, **A** será sigla de *Annos* e até se justificaria o seu módulo maior justamente para o dar a entender: ser outra palavra. Alicia-nos essa possibilidade, a permitir-nos interpretar como OS o atrás citado 9 de revés, ainda que o uso posterior seja mesmo a forma de 9 correcta e não às avessas. Nessa ordem de ideias, viria de seguida o numeral indicativo da idade: [X]IV, ou mais, será uma hipótese, na medida em que, do eventual X, resta o vértice superior direito.

Consequentemente, a leitura que se propõe é como segue:

[…] [VI]XIT A(*nn*)OS / […][X]IV
… viveu … anos.

O achamento do(s) fragmento(s) em falta desvendaria o mistério do nome do defunto.

Paleograficamente, pelo que pode admitir-se, será epígrafe do século VI, em ambiente cristão.

Rui Mataloto
Brandon Lewis
José d'Encarnação